

Os trabalhadores como personagens de sua própria história. O movimento queremista e a democratização em 1945

Adson do Espírito Santo¹

Artigo recebido em 01/10/2015 e aceito em 15/11/2015.

Qual foi a importância do queremismo para o processo democrático que se abriu em 1945, para a organização e mobilização de trabalhadores e populares e para a configuração de uma cultura política com base no trabalhismo? Na obra *O movimento queremista e a democratização de 1945*, lançado em 2013 pela editora 7letras, a historiadora Michelle Reis de Macedo responde esses questionamentos.

Os historiadores que versam seus estudos sobre o Estado Novo tem a opção de trilhar seu caminho por duas vertentes explicativas distintas. A primeira, mais tradicional, busca explicar a manutenção de Vargas no poder e sua popularidade, no período do Estado Novo, como um resultado produzido unicamente pelo aparato governamental do Estado. Nesta vertente, os órgãos responsáveis pela censura e repressão como o DIP e DEIP, são superestimados e acabam por transformar os populares, em meros receptores dos valores propostos pelo Estado. A segunda vertente, à qual a autora é filiada, questiona esta supervalorização ao aparato governamental além da suposta passividade das massas. Em suas palavras, “o uso do conceito antropológico de cultura nos afasta de noções como manipulação, controle e passividade de trabalhadores e populares na construção de um consenso em torno de Getúlio Vargas.”^{II}

Utilizando o conceito de cultura política, o qual se inscreve na renovação da História Política, a autora mostra como “o conjunto de experiências de vida e luta obtida deu origem a um conjunto de valores, ideias, normas e práticas sociais partilhadas por eles; elementos essenciais para se fazer escolhas políticas.”^{III} Refutando conceitos como o populismo e autoritarismo, anteriormente utilizados para explicar o período, a obra é pautada no conceito do trabalhismo proposto por Ângela Castro Gomes. O trabalhismo seria o produto político resultante da relação entre o Estado e classe trabalhadora, no qual ambos possuem um peso importante nessa construção. Havia então, como a autora propôs, um pacto entre o Estado que doaria direitos sociais e comprometer-se-ia a satisfazer as demandas do povo, que, por sua vez, retribuiria com gratidão e reconhecimento. No entanto Michelle Macedo ressalta

que não se tratou de uma mera troca utilitária – leis trabalhistas por obediência política. Na prática cotidiana desse diálogo, forjou-se um conjunto de valores e crenças responsável pela personalização dos direitos sociais na figura do presidente Vargas. Sua essência foi constituída por elementos simbólicos, sustentada pelo real conhecimento pelo Estado de trabalhadores e populares, que em diversas oportunidades expressaram seu verdadeiro carinho pelo presidente.^{IV}

No cumprimento dos deveres deste pacto firmado, os trabalhadores conquistaram uma gama de direito sociais, e passaram a um exercício de cidadania,

OS TRABALHADORES COMO PERSONAGENS DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA. O MOVIMENTO QUEREMISTA E A DEMOCRATIZAÇÃO EM 1945

ADSON DO ESPÍRITO SANTO

mesmo que estas transformações tenham sido mais restritas ao meio urbano. Por isso, as classes populares e de trabalhadores, apoiaram o ditador, quando diante da eminência da queda do poder político do presidente, pois estes, “temerosos em perder a cidadania social conquistada, não hesitaram em engrossar as fileiras do queremismo e pedir para que ele ficasse.”^V

Numa escrita concisa, a autora aplica à sua pesquisa conceitos complexos como o trabalhismo, cultura política, do imaginário social de maneira cristalina, sem a necessidade de utilizar citações demasiadamente longas, que poderiam deixar a leitura um pouco desagradável aos leitores não especializados. Tal escrita passa a ser ainda mais valorizada quando levada em conta a utilização das fontes pela autora. Por meio de telegramas e notícias veiculada pelos jornais “Michelle transforma os trabalhadores em personagens da história – e que fazem a sua própria história.”^{VI}

O livro foi organizado em 4 capítulos, no 1º capítulo, denominado “A crise do Estado Novo e o movimento queremista”, trata da abertura e do enfraquecimento da ditadura estadonovista, abordando os movimentos de oposição contra Vargas, e procura situar o queremismo dentro desse contexto de disputas políticas. Cronologicamente, faz um apanhado de acontecimentos ocorridos a partir do segundo semestre de 1944 que aceleraram a abertura da ditadura, mas considera como marco para esse processo a entrevista de José Américo em 22 de fevereiro de 1945. Analisa também as primeiras reações queremistas às manifestações das oposições, sobretudo dos estudantes, e reflete acerca das explicações liberais, expostas em jornais, dadas às manifestações populares pró-Vargas. O primeiro capítulo se encerra com a análise do início do processo de centralização do movimento queremista a partir da criação do comitê pró-candidatura Getúlio Vargas do Distrito Federal, responsável pela organização dos comícios de grande porte.

O 2º capítulo, intitulado “Com ou sem Constituinte, Queremos Getúlio”, a autora enfatiza detalhadamente o processo de desenvolvimento do queremismo, de um movimento de reação para um movimento mais coordenado e organizado, com a realização de grandes comícios. Para isso, destacam-se o crescimento do número de adeptos ao lema “Queremos Getúlio” e suas próprias motivações para o engajamento no movimento. Além dos jornais, a autora analisou cartas e telegramas escritos por queremistas e endereçados ao presidente Vargas, reivindicando sua indicação como candidato à presidência nas eleições marcadas para dezembro de 1945, mostrando as diversas reivindicações dos queremistas em diversas partes do país.

O 3º capítulo, intitulado “Constituinte com Getúlio”, percebendo a importância de inserir em seu discurso demandas democráticas, os queremistas, modificaram o seu lema, para “Constituinte com Getúlio”, e empenharam-se em divulgá-lo através de comícios e propagandas publicadas em jornais. O Capítulo é encerrado com a articulação dos últimos movimentos pela “Constituinte com Getúlio” e a realização dos embates políticos.

Por fim, com o título “Da deposição à eleição”, o 4º e último capítulo analisa o período compreendido entre o golpe de 29 de outubro e as eleições presidenciais realizadas em 2 de dezembro. A autora analisa as articulações da oposição para o golpe

OS TRABALHADORES COMO PERSONAGENS DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA. O MOVIMENTO QUEREMISTA E A DEMOCRATIZAÇÃO EM 1945

ADSON DO ESPÍRITO SANTO

contra Vargas, os preparativos partidários para as eleições, as campanhas dos principais candidatos para a presidência da República, a desarticulação do queremismo e a transição de seus membros para o Partido Trabalhista Brasileiro, os ataques ao candidato das oposições liberais, o enfraquecimento a candidatura de Eduardo Gomes com a campanha do marmiteiro e o resultado das eleições presidenciais.

A obra traz uma contribuição importante para o revisionismo historiográfico acerca do Estado Novo. Ao colocar os trabalhadores como personagens ativos de sua história, a autora traz uma nova visão sobre o movimento queremista e a redemocratização a partir de sua chave-explicativa para o estranhamento inicial proposto em seu livro, “por que vários setores sociais, especialmente a maioria dos trabalhadores e setores populares, apoiavam o ditador?”^{VII} Aos invés de explicar o processo democrático e o apoio dos trabalhadores à Vargas, como resultado da atuação dos órgãos de censura, “culpando a propaganda por ter ‘enganado’ milhões de homens e mulheres, jovens e velhos, brancos e negros, operários e intelectuais, crentes e ateus.”^{VIII} como propõe a historiografia pautada no conceito do “populismo”. Para a historiadora,

“a demanda queremista, à primeira vista, dá impressão de imediatismo: um discurso vago e sem princípios políticos ou doutrinários consistentes – a simples luta pela permanência de Getúlio Vargas no poder. No entanto, havia no movimento uma lógica complexa que se situava entre a defesa das leis sociais e os limites do que poderia ser politicamente possível.”^{IX}

O queremismo foi um movimento que modificou os rumos do processo de transição democrática. “Adotando estratégias que melhor se adaptavam ao momento, o queremismo apresentou-se como uma organização política dentro de um campo político aberto, em que vários outros projetos entraram em disputa.”^X O projeto da elite liberal, previa a instalação de uma democracia sem a participação de Vargas, e baseada nos preceitos do liberalismo clássico com uma limitação aos direitos políticos e a participação popular. “Mas o queremismo impediu que a transição democrática fosse um mero acordo entre elites. Na configuração do novo sistema, os trabalhadores e populares tiveram que ser considerados”^{XI}

Ao convocar os trabalhadores e populares às ruas, o queremismo foi mais além do que um movimento político. Tal movimento também “teria sido, um instrumento de pedagogia política, ensinando os populares a lidar com os direitos políticos.”^{XII} Ao passo que, perceberam a importância da atuação política para defender a cidadania social.

Portanto, para a autora, o queremismo foi um movimento de trabalhadores e populares conscientes e organizados, que constituiu-se em espaço de exercício da cidadania social e política. Além disso, foi naquele contexto de lutas políticas que trabalhadores identificaram-se como classe social com interesses próprios em oposição aos interesses de outros grupos.

OS TRABALHADORES COMO PERSONAGENS DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA. O MOVIMENTO QUEREMISTA E A DEMOCRATIZAÇÃO EM 1945

ADSON DO ESPÍRITO SANTO

^I Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Alagoas. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente, e-mail: adson@getempo.org.

^{II} MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg. 60.

^{III} MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg. 62-63.

^{IV} MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg. 61-62.

^V MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg. 63.

^{VI} FERREIRA In. MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg.15.

^{VII} MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg.17.

^{VIII} FERREIRA In. MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg.13.

^{IX} MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg.161.

^X MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg.161.

^{XI} MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg.161.

^{XII} MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, pg.162.

Obra resenhada:

MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento quememista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

Referências Bibliográficas:

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

BERSTEIN, Serge. “A cultura política”. In: RIUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.